



Fig. 1 – Ilustração de capa

1. Introdução

Vivemos num mundo em crise com ameaças permanentes de destruição. Fogueiras e incêndios têm que ser contornados todos os dias, quando a água já começa a nos faltar. Paralelo ao fogo há dilúvios no jogo de falta e excesso que subjuga os seres humanos às intempéries governamentais que se sobrepõem às climáticas.

Fome, miséria, desesperança e medo. Somos filhos do medo expostos aos comandos governamentais paralelos que se sustentam desse medo civil e de ações suspeitas de covardes alianças entre governos autorizados e as formações paralelas de governos “não-autorizados”.

O mundo na corda-bamba mal se equilibra sobre os terrenos minados pelos riscos incalculáveis.

Há muito que vivemos na busca de saídas para a crise econômico-financeira mundial, na interdependência das economias de toda a sociedade humana global.

Buscam-se saídas para os países emergentes que caminham sobre os rastilhos de pólvora deixados pelas oito maiores potências do mundo, também convidadas a dançar o “rap” da insustentabilidade do planeta e do ser humano cada vez mais limitado, trancafiado no paradoxo de estar mais interligado, entretanto mais individualizado e voraz, cada vez mais frágil e mais solitário.

Será a Selva Colombiana o maior calvário do mundo? Ou a população de Rio – São Paulo aqui no Brasil, também refém do narcotráfico?

Em cenas cinematográficas como aquelas que destruíram “o sonho americano”, as populações de várias cidades brasileiras assistem à triste realidade de ter comércio e escolas fechadas por ordem de marginais que brincam de guerrilha urbana. Promovem ensaios públicos em que a população, naturalmente, desarmada de qualquer tipo de reação, vira bucha de canhão. Enquanto eles armados até os dentes aterrorizam a nação que se deixa vencer pela inércia governamental.

Diante deste panorama cinematográfico e histórico, quem se arrisca a apontar ou definir fronteiras entre realidade e criação artística, verdade e verossimilhança, memória e imaginação, história e ficção.

Esta crise atinge todas as esferas da convivência humana, atingindo também a esfera cultural. Se o multiculturalismo favorece o diálogo entre inúmeras áreas da cultura, rouba-lhes muitas vezes, a especificidade, dilui suas marcas.

E isso nos parece acontecer, neste momento com a história, com a ficção e a realidade.

A concepção de História que decidimos interpretar, nos parecia uma narrativa de estrutura simples, quando esta se revelou uma narrativa de estrutura complexa ao seguir os passos da ficção, oscilando entre a tragédia e o folhetim. Uma história pode ser uma narração histórica ou uma fábula, dependendo de "como se conta" esta história.

O mesmo ocorre com a ficção que pode, muitas vezes, testemunhar a verdade de um fato histórico.

Essa aproximação entre estas duas práticas discursivas é o ponto crucial da nossa investigação, verificar como se comportam os discursos histórico e ficcional, ambos fabricados e elaborados pela sedução dos fatos na produção histórico-ficcional.

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que se debruçou sobre o viés que deflagra a proximidade das narrativas da História e da Ficção. Enfoca representações sociais e discursivas nas investigações feitas pela análise das obras: *A Carta do Achamento do Brasil* em diálogo com o *Diário de Bordo de Colombo* e *Peregrinação de Barnabé das Índias* de Mário Cláudio, "*A Implosão da Mentira*" de Affonso Romano de Sant'Anna, "*O Conto Da Ilha Desconhecida*" de José Saramago e *O Vendedor de Passados* de José Eduardo Agualusa.

Investigamos, portanto, vários gêneros literários, tais como: uma carta, enquanto documento histórico, uma poesia, um conto e um romance. Atravessamos o Atlântico dos Séculos XV e XVI até o atual Século XXI, viajando literariamente entre Portugal, Brasil e África.